



JOSE MANUEL COSTA

FESTIVAL ANDANÇAS

Barragem de Póvoa e Meadas,
Castelo de Vide, de 1 a 7 de agosto

Já lá vão 20 anos desde a primeira edição do Festival Andanças, que então aconteceu num espaço pequeno — impensável hoje em dia — e fechado, o Teatro Garcia de Resende, em Évora. Ainda andou por outras paragens, mas o evento emblemático que, durante uma semana, reúne cerca de 40 mil participantes que não vão só para ver e ouvir mas também para dançar e tocar — e muito mais... — reforça as suas

raízes em plena paisagem natural, em Castelo de Vide, e embalado pelas águas da barragem de Póvoa e Meadas. Os tempos mudam. Há 20 anos, as danças tradicionais, como o folclore e a herança cultural de raiz popular, faziam parte de um mundo distante, tendencialmente olhado com desdém. O Andanças contribuiu para a mudança de mentalidades desde o princípio, como recordam Catarina Serrazina e Graça Gonçalves (coordenadoras do festival, juntamente com Juanra Campos), sendo em prática a filosofia da PédeXumbo, a estrutura-mãe organizadora: a cultura

participativa e o aprender fazendo, em que “as danças, as músicas e os instrumentos aprendem-se estimulando público e artistas a dançar e a tocar”. Diz Catarina: “Na primeira edição procurava-se colocar as pessoas a aprender as danças tradicionais que já não se dançavam. É esse ainda o trabalho hoje, mas o festival foi evoluindo, foi-se consolidando, e foram-se definindo outros valores associados à programação. Nessa progressão no meamos os pilares que já existiam naturalmente: o voluntariado, a comunidade, a sustentabilidade e, aquele que permanece desde o início, a música e a dança.” Apesar de haver uma mudança de paradigma relativamente à tradição, que hoje é mais valorizada e faz parte do imaginário quotidiano, Catarina e Graça defendem que ainda há desafios no que diz respeito às danças tradicionais, portuguesas ou estrangeiras, que poderíamos qualificar como uma afirmação mais significativa do movimento do novo folclore. Catarina explica: “Neste momento, há um movimento europeu que pega no repertório tradicional do seu país ou de outros, o reinterpreta e cria, por grupos europeus do chamado neofolk, ou ‘novo folclore’. Ainda há um desafio ao

nível da apropriação e transformação, ou recriação, das danças tradicionais.” Este ano, a aplicação do mesmo conceito à música passa por uma instalação sonora de 20 objetos de experimentação musical. Esta, como muitas outras propostas, está profundamente ligada ao tema desta edição, o “desafio” que “tenciona colocar o participante num lugar que não é o seu habitual para experimentar, para jogar, para se expor”. Ainda é Catarina quem tem a palavra: “A ideia é que esta apropriação da música permita que continuem a acontecer momentos de encontro, de partilha e de criação musical. Queremos que isso não seja uma prática só dos músicos mas também dos participantes, que possam interagir com as jams, que são muito conhecidas no Andanças.” Graça acrescenta: “No fundo, o nosso lema em todas as áreas é mostrar que é fácil, que qualquer um pode... pode tocar, pode dançar, pode separar resíduos, pode participar como voluntário. Isso é fácil, possível e pode ser levado para fora.” É como as canecas do Andanças, que celebram 10 anos e que — poder-se-ia dizer — são como que o quinto pilar do festival. Para descobrir em Castelo de Vide... / CLAUDIA GALHÓS